



Episódio 60

Você não tem que ser você mesmo

Na semana passada conversamos sobre a triste realidade de que nem sempre a gente é quem realmente pensa que é, pelos fardos e traumas que carregamos ou talvez por causa do contexto que não está favorecendo. Mas vamos mais fundo ainda nessa questão. Então recomendo que você escute (ou leia) primeiro o episódio anterior para que o de hoje faça mais sentido e te ajude a refletir sobre algumas coisas importantes.

Quando paramos para refletir

Quem sabe na semana passada você ficou se questionando quem você é realmente no fim das contas e até muitos traumas e questões da infância vieram à tona ou você começou a analisar seu contexto. Lembre, por favor, que comentei no episódio passado que se você não está dando conta sozinho vale a pena conversar com alguém especializado para ter ajuda nesse processo que não é simples. Essas questões podem ser numa certa esfera, refletidas e trabalhadas com Deus, mas esteja aberto a buscar ajuda profissional caso perceba que é algo mais profundo, até porque essas pessoas são usadas por Deus para nos ajudar como missionários.

Hoje quero ir mais fundo porque não só não somos quem pensamos que somos, por uma visão distorcida ou por estarmos carregando uma série de cargas e rótulos, mas também é muito importante que a gente coloque em perspectiva algumas armadilhas do dia a dia que me fazem pensar: “Hum, eu não acho de verdade que temos que ser nós mesmos.” E quando digo “eu

acho” quero que entendam com todo carinho que vem de muita leitura e pesquisa que sempre busco, no intuito de ajudar por ser mentora de missionários. Entendo que muitas pessoas ouvem o podcast e com todo direito discordam de alguma coisa, mas acho muito perigoso discordar apenas por opinião diferente, sem realmente pesquisar sobre o tema. Faço o podcast com todo carinho de forma acessível para compartilhar com vocês o que está sendo discutido na literatura, então não fico dando referências de páginas e autores porque acredito que esse não seja o espaço. Mas quero te desafiar a cada vez mais buscar conhecimento sem estar baseado só no “eu acho que é diferente porque tive uma experiência”, é bom a gente cuidar com isso. Quanta complicação a gente acaba tendo que lidar porque ficamos fundamentados numa experiência própria, ou como dizemos em inglês, experiência anedótica (ou seja: uma experiência pessoal ou exemplo isolado ao invés de um argumento sólido ou evidência convincente).

E porque estou falando isso?

Tenho visto cada vez mais o quanto é perigoso tentar “ser quem nós somos” ou “ser a nossa melhor versão”. E não há nenhum problema com a frase, mas tenho me preocupado com algumas armadilhas contidas nessa ideologia de “ser quem você é”. Vou citar três que me chamam atenção:

1. “Faça o que te faz feliz, não importa o que os outros pensam”

A minha preocupação é que a primeira coisa que as pessoas acabam desenvolvendo no comportamento por esse pensamento são coisas extremamente egoístas, dispendiosas e auto-destrutivas. Atualmente tem o “self care” onde a pessoa agora tem que cuidar dela e fazer o que faz bem para ela, e daí saem horas no vídeo game, comer um monte de bobeira ou ficar muito tempo nas redes sociais. O que essas perspectivas não levam em consideração é que nós somos seres humanos pecadores e isso é muito perigoso por não levar em conta que nossos desejos são pecaminosos e podem muito provavelmente ser autodestrutivos.

2. Tentar ser quem nós não somos

Isso acontece quando colocamos um padrão muito alto para nós mesmos e começamos a nos martirizar de que não estamos

alcançando essas expectativas irreais. Ao invés disso levar a um processo de crescimento e desenvolvimento, acaba virando uma carga que carregamos tentando ser uma pessoa incrível, sem defeitos ou escondendo-os.

3. Tentar ser tudo para todo mundo

Temos esse estigma que o cristão e missionário tem que estar disponível para todos o tempo todo e o problema é que isso começa a entrar em vários aspectos.

Primeiramente, começamos a ter uma vida desequilibrada e tenho notado como isso tem mexido com o emocional e com a identidade do missionário como pessoa. Não sei se você já notou, mas você começa a ser meio que camaleão por estar sendo intencional e vivendo uma vida de sacrifício próprio, tentando se encaixar no que esperam, seja o líder ou irmão da igreja.

Segundo, que assumimos uma série de características não naturais só para atender a todos e não desagradar ninguém. Essa ideia é um grande risco porque nunca vamos conseguir fazer isso, nem Jesus conseguiu agradar a todos então imagina se comigo e você será diferente. Não podemos ser tudo e qualquer coisa que esperam de nós, entende?

Você está feliz com você mesmo?

Eu não sei você, mas eu não estou feliz comigo mesma. Sou uma pessoa como todas as outras, com defeitos de caráter e não, eu não quero ser eu mesma, eu quero ser o que Deus quer que eu seja. Mas preciso ter paciência com o que Deus está fazendo em mim, não posso me esconder e só sair quando Ele tiver consumado tudo na minha vida.

O grande ponto é que a gente precisa se colocar nas mãos Dele para que possa transformar nosso caráter independente das nossas falhas que vão sair pela culatra enquanto tentamos fazer o que é certo, porque enquanto essas coisas não forem identificadas e levadas aos pés de Cristo, continuaremos lutando com elas.

Eu sei que esse processo é duro, mas nós que aceitamos a salvação de Cristo não precisamos ser quem nós somos. Quem de nós, como cristão realmente quer ser quem nós somos?

Uma opção muito melhor

É uma fala secular essa ideia de “seja você mesmo.” Eu te digo de coração: não seja você mesmo. Seja quem Deus quer que você seja, isso sim vai valer a pena. E eu te desafio a pensar qual é o legado que você gostaria de deixar nesse mundo, se você morrer hoje, o que deixou para trás?

Se não nos ofendermos de saber que o plano de Deus para nós é dez mil vezes melhor do que o nosso e nos colocarmos à disposição do Seu plano, posso te garantir que as coisas vão sempre caminhar para o melhor.